

Círculo de cultura e Educação Física escolar: inspirações decoloniais em Paulo Freire

Cláudio Aparecido de Sousa¹

Resumo

O objetivo do presente estudo foi verificar como o Círculo de Cultura, inspirado na visão decolonial de Paulo Freire, está sendo utilizado na prática pedagógica do componente curricular Educação Física. Trata-se de uma estratégia didática e metodológica que foi idealizada inicialmente visando alfabetizar adultos em um contexto de educação popular, aqui concebida na experiência do Brasil. Cabe ressaltar que este estudo se refere a um ensaio teórico, iniciado com a leitura de artigos científicos e livros disponíveis na literatura de Educação Física. Concluímos que nossa inspiração na visão decolonial de Paulo Freire permitiu identificar que a área utiliza pouco a proposta do Círculo de Cultura, seja como tratativa de intervenção ou de organização prática. Assim, os cinco artigos que trataram sobre Círculo de Cultura não utilizaram o conceito decolonial de Freire nos textos, no entanto houve explanação nos trabalhos sobre os conceitos freireanos de diálogo, conscientização e efetiva participação dos estudantes na reinvenção de novas práticas corporais, vivenciados em um contexto de educação popular, demonstrando que o legado de Freire contribui para a organização didática das aulas de Educação Física escolar.

Palavras-chave

Círculo de Cultura. Educação Popular. Decolonialidade. Prática Pedagógica.

¹ Doutorando em Educação Física na Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil; professor de Educação Física efetivo das redes municipais de educação de São Bernardo do Campo e Santo André, São Paulo, Brasil, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Escola e Currículo (DIÁLOGO/USJT) e Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre as Relações Étnico-raciais (YLE-EDUCARE/Uninove). E-mail: claudio.joga8@gmail.com.

Culture Circle and school Physical Education: de-colonial inspirations in Paulo Freire

Cláudio Aparecido de Sousa²

Abstract

The aim of this study was to verify how the Circle of Culture inspired by Paulo Freire's decolonial vision is being used in the pedagogical practice of the Physical Education curriculum component. The culture circle is a didactic and methodological strategy that was conceived and formatted to teach adults to read and write in a context of Popular Education, conceived here on the experience in Brazil. It is noteworthy that this study refers to a theoretical essay, starting with the reading of scientific articles and books available in the Physical Education literature. We conclude that our inspiration in Paulo Freire's decolonial vision is common to identify that the area of Physical Education makes little use of the proposal of the culture circle, either as an intervention approach or as a practical organization. Thus, the five articles that dealt with the circle of culture did not use Freire's decolonial concept in the texts, however there was an explanation in the works on the Freirean concepts of dialogue, awareness and effective participation of students in the reinvention of new bodily practices, experienced in a context of Popular Education, demonstrating that Freire's legacy contributes to the didactic organization of school Physical Education classes.

Keywords

Cultural Circle. Popular Education. Decoloniality. Pedagogical Practice.

² PhD student in Physical Education, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brazil; Physical Education teacher in the municipal education networks of São Bernardo do Campo and Santo André, São Paulo, Brazil; member of the Study and Research Group in Physical Education, School and Curriculum (DIÁLOGO/USJT) and Study and Research Group About Ethnic-Racial Relations (YLE-EDUCARE/Uninove). E-mail: claudio.joga8@gmail.com.

Diálogo circular

O Círculo de Cultura é uma estratégia didática e metodológica que foi idealizada inicialmente visando alfabetizar adultos em um contexto de educação popular (EP), aqui concebida na experiência do Brasil. Essa ideia surgiu em meados dos anos 1960 e foi proposta por Paulo Freire na cidade de Angicos, que se localiza no estado do Rio Grande do Norte (FREIRE, 2006). O objetivo, além da alfabetização, era conscientizar adultos sobre a importância de aprender a ler o mundo, assim como a palavra, visando à libertação dos oprimidos diante do contexto de analfabetismo, possibilitando o protagonismo e a transformação social por meio do ensino da leitura e escrita. Esse fato obteve sucesso naquela época, alfabetizando 300 adultos em 40 horas (COSTA, 2016).

Na explicação de Romão *et al.*, (2006, p. 177) “no círculo de cultura, pesquisadores e pesquisandos são sujeitos da pesquisa que, enquanto pesquisam, são pesquisados e, enquanto são investigados, investigam”. Sendo assim, no que tange ao ensino de Educação Física, a proposta de diálogo e reflexão sobre a prática diante de um contexto cultural e social poderá contribuir com uma educação que seja popular, decolonial e humanista, especialmente na escola pública.

Segundo Sousa (2017), através do Círculo de Cultura, professoras e professores se tornam importantes no ato de ensinar e aprender, no qual utilizam a escuta ativa para o desenvolvimento do diálogo, da conscientização e da leitura de mundo, elementos de uma proposta freireana de EP que propõe a transformação social. De acordo com Freire (2006, p. 128), se tivesse sido concretizada a proposta que foi elaborada “no Governo João Goulart, deveríamos ter funcionando, em 1964, mais de vinte mil círculos de cultura em todo o país e teríamos feito o levantamento da temática do homem brasileiro”. Para tanto, concordamos com Brandão (2016, p. 16) quando diz:

O Círculo de Cultura – não criado, mas recriado por Paulo Freire e Elza Freire e sua primeira equipe no Nordeste – faz mais do que colocar pessoas face-a-face. Faz algo mais do que eliminar a hierarquia de saberes e transformar a palavra de quem fala e o silêncio atento de quem escuta, de uma ação de poder em um gesto de partilha. Eis a arquitetura social do diálogo.

A arquitetura disponibilizada pelo Círculo de Cultura permite reinventarmos o legado de Paulo Freire (SAUL, 2016) se opondo de forma contra hegemônica a paradigmas capitalistas e reprodutivistas que pretendem tornar a escola um aparelho ideológico do poder e

negócio. De outro modo, utilizando o conceito de Círculo de Cultura no contexto de reflexão teórico-prática do componente curricular Educação Física, é possível trazer a visão decolonial³ de Freire e demonstrar as possibilidades de emancipação social e luta por melhores condições de vida, acessadas por intermédio da educação de qualidade, gratuita e justa para todos. Nesse caso, é possível nos indagarmos a seguinte questão: será que o Círculo de Cultura inspirado na visão decolonial de Paulo Freire está sendo utilizado na prática pedagógica em Educação Física escolar?

Mota Neto (2019) discute a concepção decolonial em Paulo Freire, atribuindo em suas palavras que é necessário reinventar o legado do autor. Trazendo esse exemplo para a Educação Física, a reinvenção pode ser atribuída à utilização do diálogo, Círculo de Cultura e participação efetiva dos estudantes nas atividades. Trata-se de uma perspectiva de libertação dos aspectos coloniais e tradicionais, incentivada pelo pensamento decolonial. Dessa forma, Freire e sua visão ampliada de mundo possibilitaram a criação de uma pedagogia para os sujeitos oprimidos e subalternos da sociedade, permitindo surgir movimentos de resistência e constantes lutas político-educacionais, que acontecem diariamente no Brasil, na América Latina e no mundo. Freire (2003) em *Pedagogia do Oprimido* ficou reconhecido mundialmente por ter revolucionado o contexto educacional e incentivado pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, marcando “geopoliticamente o lugar do oprimido, e que, portanto, isso marca fundamentalmente sua obra como um testemunho crítico da modernidade/colonialidade” (MOTA NETO, 2019, p. 150).

A decolonialidade consiste numa prática de oposições e intervenção, que surgiu no período em que o sujeito colonial do sistema moderno/colonial reagiu contra as armadilhas imperiais (GROSFOGUEL, 2012). “A decolonialidade requer não somente a emergência de uma mente crítica, mas também de sentidos reavivados que objetivem afirmar conexão em um mundo definido por separação” (MALDONADO TORRES, 2019, p. 48).

O objetivo do presente estudo foi verificar como o Círculo de Cultura inspirado na visão decolonial de Paulo Freire está sendo utilizado na prática pedagógica do componente curricular Educação Física.

³ O termo “decolonial” é utilizado no lugar de “descolonial” e “pós-colonial” nos apoiando na explicação de Walter Dignolo (2017), visando diferenciar os propósitos do Grupo Modernidade/Colonialidade e da luta por descolonização do Pós-Guerra Fria. Nesse caso, o intuito é indicar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial significa, portanto, uma luta contínua (COLAÇO, 2012, p. 8).

A utilização do Círculo de Cultura na prática pedagógica em Educação Física escolar

Cabe ressaltar que este estudo se refere a um ensaio teórico, iniciado com a leitura de artigos científicos e livros disponíveis na literatura da área do componente curricular Educação Física, que envolveu os temas Círculo de Cultura e decolonialismo. Para captar os principais artigos que tratam sobre o Círculo de Cultura na Educação Física escolar, especialmente por ser um estudo de ensaio teórico, recorreremos ao Google, por considerar que as pesquisas das diversas revistas acadêmicas estão disponíveis nessa plataforma. Nesse processo, realizamos as buscas dos principais trabalhos utilizando as respectivas palavras-chave: “Círculo de Cultura” e “Educação Física escolar”.

O critério de seleção dos estudos para esse trabalho envolveu artigos que tivessem no resumo ou palavras-chave o conceito Círculo de Cultura na Educação Física escolar. Como critério de exclusão, todos os artigos que tratavam sobre Círculo de Cultura, porém, não eram da área de Educação Física escolar, foram eliminados. Nesse momento foram encontrados 50 trabalhos que apontavam os respectivos termos e apareceram em diferentes áreas do conhecimento. Dos 50 trabalhos que apareceram em 5 páginas da plataforma, apenas 5 foram selecionados por relacionarem os termos Círculo de Cultura e a prática pedagógica em Educação Física. A pesquisa aconteceu entre os meses de março e maio de 2020.

É interessante ressaltar que não tivemos a intenção de utilizar análise sistemática ou integrativa, tampouco revisão bibliográfica, por não ser o foco deste estudo. Nesse momento iremos explicitar como foi a utilização do Círculo de Cultura no contexto do componente curricular Educação Física, no que tange à utilização na prática pedagógica. Destarte, entrelaçamos também nessa discussão outros artigos científicos de Educação Física que tratam sobre o tema didática, por estar relacionado com a dinâmica de ensino e aprendizagem do Círculo de Cultura.

Aguiar (2014) utilizou o Círculo de Cultura como proposta de intervenção para a prática pedagógica em Educação Física escolar. A autora explica que esse componente curricular até meados dos anos 1980 vivenciou na prática pedagógica atividades de caráter militarista e esportivista, que tinham viés embasado em uma concepção tradicional de ensino, fato que desconsiderava a participação dos estudantes como sujeitos protagonistas do diálogo e da participação efetiva da construção das atividades de um modo geral (AGUIAR, 2014).

Para Bracht (1999, p. 72), “a constituição da Educação Física, ou seja, a instalação dessa prática pedagógica na instituição escolar emergente dos séculos XVIII e XIX, foi

fortemente influenciada pela instituição militar e pela medicina”. Nessa época, surgiram diversas propostas que tinham como meta superar o tradicionalismo educacional nessa área em especial. Segundo Aguiar (2014, p. 5) sobre o que tange a premissa das aulas, “os círculos de cultura são práticas da liberdade, analisam criticamente a realidade social para tentar compreender como os homens se organizam e constituem, e podem ser utilizados como estratégia de ação e reflexão”.

É essa liberdade promovida por essa estratégia didática que permite incentivar os estudantes e os docentes a experimentarem um novo formato na organização didático pedagógica. Tal momento pode possibilitar que diversas práticas corporais sejam tematizadas e vivenciadas na escola e principalmente nas aulas de Educação Física. Nesse entendimento, observamos que o Círculo de Cultura pode privilegiar aquelas atividades da cultura subalterna ou ainda consideradas marginalizadas, é o caso da capoeira, *funk*, *hip hop*, *parkour*, *skate*, dentre outras (NEIRA, 2011).

Todavia, é possível observar que o Círculo de Cultura é uma prática democrática, conscientizadora e também decolonial por estar em constante luta no dia a dia do cotidiano escolar para promover aulas com qualidade, principalmente porque não precisa se apoiar em livros didáticos para prosseguir no tratamento das aulas. Nesse sentido, a contribuição de Paulo Freire (1996, 2003) ao apresentar uma pedagogia que no primeiro caso vai ao encontro dos saberes necessários à prática educativa. No segundo caso, relaciona sua crítica ao colonialismo em favor dos sujeitos oprimidos para que possam realizar a leitura de mundo e se libertar de contextos opressores e monoculturais. Essa característica que se opõe à invasão cultural entende que a EP pode ser ministrada para todas as pessoas, sem distinção de classe social, cor ou gênero. Desse modo, pensando em reinventar o legado de Freire se apoiando em uma proposta de intervenção para a Educação Física, Aguiar (2014) realizou diversos encontros com estudantes do Ensino Fundamental e explica:

Desse modo, o Círculo de Cultura realizado possibilitou sistematizar o diálogo gerado com os participantes e perceber o inédito viável. Houve uma abertura para o diálogo por parte das meninas, um espaço onde pudessem arriscar-se e comunicar-se dialética e horizontalmente: “Oprimidas, voz trêmula, tímidas, sonhadoras. Anunciam uns ruídos de ecos pouco ouvidos”. Mas, será realmente uma quimera pensar numa escola que reconcilie a criação e participação dos agentes, como se fosse uma construção de um mosaico vivo, com o diálogo aberto entre todos? Estamos ainda mais convencidos que, enquanto não levamos a sério a intensidade do envolvimento da educação com as desiguais relações de poder, estaremos vivendo cada vez mais num mundo onde todos continuarão de costas uns para os outros e para a própria realidade escolar. (AGUIAR, 2014, p. 10).

Um destaque nessa prática de intervenção que se apoiou no Círculo de Cultura é que o trabalho analisado pela autora Aguiar (2014) verificou a participação das meninas nas aulas de Educação Física escolar e a suposta negligência do protagonismo delas durante as vivências nas aulas que tematizaram o futebol. Em uma experiência de diálogo realizada em Círculo de Cultura, as próprias estudantes afirmaram não gostar das aulas de Educação Física devido à pouca participação.

No entanto, por meio das vivências no Círculo de Cultura, as meninas puderam explicitar suas vontades e desejos em relação à participação nas aulas, especialmente no futebol e a partir disso tiveram mais oportunidades de participação efetiva, dando destaque à importância do diálogo e um contexto democrático, demonstrando a contribuição da didática no processo de ensino e aprendizagem.

Os autores Bracht e Caparroz (2007) explicam que existem diversos relatos sobre a teoria e a prática em Educação Física, principalmente quando há relatos de professoras e professores que se preparam para prestar concursos públicos e participar de processos seletivos para atuar nesse componente curricular, no entanto, se deparam muitas vezes com certo distanciamento com a práxis. Nesse caso, existem docentes que se preparam por meio de leituras teóricas disponíveis na área, porém, não conseguem relacionar com o trabalho prático particularmente, gerando bastante insegurança nesse quesito.

No mesmo caminho de identificar quais são os pressupostos teórico-práticos que estão relacionados com a didática da Educação Física, Rodrigues e Bracht (2010) realizaram etnografia em escolas municipais do Espírito Santo. Nesse exemplo, os pesquisadores analisaram a prática pedagógica de algumas professoras e professores que atuam naquele estado. Para tanto, foram investigadas as culturas existentes no cotidiano escolar de diversas maneiras e olhares, principalmente pela quantidade de teorias e práticas que orientam diferentes caminhos no fazer docente.

No relato do trabalho realizado por um dos professores pesquisados, foi observado por Rodrigues e Bracht (2010) que o esporte ocupa um lugar privilegiado em suas escolhas, ou seja, questões como saúde, obesidade, sedentarismo e promoção da saúde são tratadas com prioridade. Assim, concebemos que apenas o incentivo às práticas esportivas e de saúde pode se distanciar dos objetivos macros que são relevantes para a conscientização e transformação social dos estudantes, por esse lado, o Círculo de Cultura poderia subsidiar o trabalho no sentido de deixar os estudantes como protagonistas na escolha dos temas.

Quando se trata do assunto Didática da Educação Física, Kunz (2013) apresenta os aspectos teórico-práticos relacionados com a perspectiva⁴ crítica emancipatória, destacando diversas práticas corporais e suas possibilidades de atuação na escola. É válido enfatizar que a prática pedagógica envolvida nessa proposta possibilita adaptação e reinvenção do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, por meio do diálogo entre docentes e estudantes, é possível enfatizar o se movimentar das atividades diante da cultura corporal de movimento, promovendo uma prática de ensino que favoreça as aprendizagens e a participação de todos.

Observando todo esse contexto que envolve currículo, formação docente e prática pedagógica em Educação Física, Sousa e Mafra (2016) optaram por se embasar pelo currículo cultural juntamente com o Círculo de Cultura, percebendo que a união de ambas as propostas poderia respeitar os princípios de justiça curricular, diversidade cultural, diálogo entre educador e educando, além de considerar os saberes que são indicados pelos próprios estudantes na participação das práticas corporais vivenciadas nas aulas desse componente curricular:

Por meio da prática do Círculo de Cultura nas aulas de Educação Física, observamos momentos importantes de superação na formação dos educandos, como podemos constatar na avaliação de um dos alunos, após alguns encontros realizados com esse formato pedagógico: “Professor, esse Círculo de Cultura tem ‘magia’ porque o Heitor que só faz coisas erradas levantou a mão pra falar e pediu desculpa sobre o que ele fez de errado na aula e ainda falou que vai ser uma nova pessoa”. Nossa prática educativa de vários anos nos mostrou que, para o bom desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar, os alunos precisam estar envolvidos no diálogo com os seus pares, precisam respeitar e reconhecer a legitimidade das diferenças e, principalmente, preservar a boa convivência no âmbito escolar. (SOUSA; MAFRA, 2016, p. 185).

A partir desse relato ocorrido em uma aula de Educação Física escolar, podemos observar que o trabalho pedagógico que concebe o diálogo como princípio de participação e oportunidade de valorização dos saberes dos estudantes pode se aproximar nitidamente de uma educação que visa a participação democrática e popular como protagonista no processo de ensino e aprendizagem das aulas de Educação Física. Sendo assim, identificamos que o ensino que se apoia no Círculo de Cultura como estratégia didática faz parte de um contexto amplo no qual não fica dependente de perspectivas pedagógicas ou materiais didáticos.

⁴ Aqui, optamos pelo termo “perspectiva” em detrimento de “abordagem” e não temos o foco de propor práticas para o currículo de Educação Física. Durante o texto utilizaremos esse termo. De acordo com o Dicionário de filosofia, do filósofo italiano Nicola Abbagnano, perspectiva seria uma antecipação qualquer do futuro: projeto, esperança, ideal, ilusão, utopia (GADOTTI, 2000, p. 3).

Relacionando com esse exemplo, a inspiração deste artigo em Paulo Freire e sua visão decolonial permite colocar o sujeito oprimido, que por muito tempo vivenciou experiências de educação bancária, como protagonista no âmbito escolar, principalmente pelo fato de conviver em um contexto amplo que se embasa na Educação Popular, possibilitando valorizar a cultura local, a diversidade racial e social, para alcançar a justiça e a educação de qualidade possível de ser desenvolvida na escola pública (FREIRE; NOGUEIRA, 1989; VALE, 2001).

Sousa, Silva e Maldonado (2017) descreveram dois relatos de experiência por meio do trabalho pedagógico de dois docentes de Educação Física que atuam em escolas de diferentes realidades educacionais, ambas de ensino público e localizadas no estado de São Paulo. Foram organizadas juntamente com os estudantes dois tipos de práticas corporais, a primeira tratou sobre o esporte de combate esgrima e a segunda discorreu sobre o futebol; ambas tiveram orientação pelo legado teórico de Paulo Freire, porém, só a primeira utilizou Círculo de Cultura para organização das aulas e será explicada.

O objetivo de uma dessas experiências foi apresentar aos estudantes a modalidade esportiva de combate esgrima, como um possível indício de disseminar uma prática diferente para as crianças. Trata-se do projeto *Esgrima na escola*, que foi desenvolvido em uma escola de educação básica da rede municipal de São Bernardo do Campo-SP (SOUSA; SILVA; MALDONADO, 2017). Os autores relatam que a escolha do tema foi realizada pelos próprios alunos após um diálogo realizado no Círculo de Cultura. A utilização dessa estratégia didática faz parte da organização didático pedagógica das aulas de Educação Física, sendo utilizada diariamente para dialogar com os estudantes sobre os temas e conteúdos a serem vivenciados durante o processo de ensino.

Sousa, Silva e Maldonado (2017) explicam que utilizar o Círculo de Cultura na organização da aula permite considerar a opinião de meninas e meninos no processo dialógico, favorecendo o respeito mútuo e estimulando a leitura de mundo por parte dos estudantes. No mesmo caminho de ir além da prática pela prática, os autores fizeram para os estudantes a respectiva pergunta: meninas e meninos podem participar das aulas esportivas de esgrima? Como reflexão diante da indagação, a maior parte das crianças respondeu positivamente que ambos os gêneros podem participar desse e qualquer outro esporte, concluindo que o principal interesse pelo tema foi a curiosidade em conhecer esportes novos e diferentes.

É válido frisar que os estudantes tiveram autonomia em confeccionar as espadas e escudos necessários para a prática da esgrima e pesquisaram os aspectos históricos dessa

modalidade. No decorrer da participação do projeto, Sousa, Silva e Maldonado (2017) ressaltaram que em um dia de diálogo realizado em Círculo de Cultura diante da temática uma aluna afirmou que viu na internet que a esgrima é um esporte para pessoas ricas participarem:

Ao término do projeto alcançamos resultados importantes, pois, os alunos vivenciaram um esporte novo e diferente durante as aulas de EF, compreenderam que a participação nessa prática corporal pode ser realizada por meninos e meninas e que pessoas ricas e pobres podem conhecer mais sobre essa atividade esportiva de combate. (SOUSA; SILVA; MALDONADO, 2017, p. 59-60).

Na mesma linha de investigação da organização didático-pedagógica do componente curricular Educação Física, Sousa, Silva e Maldonado (2017) tematizaram as práticas corporais, jogos e brincadeiras e juntamente com os estudantes definiram como seria desenvolvido o trabalho pedagógico daquele bimestre em uma escola municipal da rede municipal de São Bernardo do Campo. É relevante ressaltar como esses autores utilizaram o Círculo de Cultura durante essa experiência pedagógica:

O Círculo de Cultura é utilizado durante as aulas de EF em dois momentos: 1) no início das aulas sentamos com as crianças em círculo, onde professor e alunos ficam um ao lado do outro e de maneira dialógica é realizado os combinados das aulas, a explicação das atividades que os alunos participarão, além da apresentação das brincadeiras e dos jogos em que cada criança é responsável por apresentar. 2) No término das aulas sentamos novamente em círculo e dialogamos sobre as atividades realizadas. Problematicamos com as crianças sobre o desenvolvimento dos jogos e brincadeiras, perguntando: Como podemos fazer para melhorar a brincadeira? Por que os meninos ou meninas tocaram menos na bola? Como podemos fazer para essas pessoas tocarem mais na bola? (SOUSA; SILVA; MALDONADO, 2017, p. 10).

Nesse exemplo, percebemos que Paulo Freire é o principal teórico que orienta a prática pedagógica desenvolvida pelos autores, principalmente pela condição dialógica que educador e educando juntos se conectam durante as atividades e o docente respeita os saberes discentes quando se pauta pelo princípio da escuta ativa para propor caminhos que favorecem o sucesso de todas as pessoas nas vivências práticas. No desenvolvimento do Círculo de Cultura nas aulas de Educação Física, iniciando pela valorização do diálogo diante da leitura de mundo, será possível alcançar a conscientização dos aspectos que envolvem as aulas, a sociedade, as diferenças culturais, raciais e de gênero de um modo amplo, processo que permitirá aos estudantes alcançar a liberdade por meio do ensino e da criticidade permanente,

contribuindo para a transformação da realidade em que vivem, incentivados pela matriz da EP:

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios essenciais para a estruturação do Círculo de Cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no Círculo de Cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor”. (FREIRE, 2006, p. 11).

Na prática pedagógica tematizada por Sousa, Silva e Maldonado (2017) foram organizados e praticados dois tipos de atividades que os próprios estudantes criaram e colocaram os respectivos nomes: mãe da rua musical, e a segunda, queimada da política. Não temos o objetivo de descrever na íntegra as atividades desenvolvidas pelos autores, no entanto, é interessante ressaltar dois pontos importantes: A maioria das músicas cantadas pelas crianças advinha da cultura popular *funk*, porém, a maioria daqueles estudantes tinha origem de religião cristã, fato que é bastante questionado muitas vezes até pelos responsáveis dos estudantes de maneira pejorativa. O segundo fato curioso foi o motivo da escolha do segundo jogo criado por duas crianças, com o nome de queimada da política. Segundo os autores, o motivo da escolha se referiu ao cenário político que o Brasil vivenciava em 2016 e a São Bernardo do Campo por ser o município de residência do ex-presidente da república estava em evidência.

Os resultados desse estudo apontaram que o Círculo de Cultura permitiu ao docente e aos discentes vivenciarem temas polêmicos por meio das aulas de Educação Física, fazendo assim bom uso das ferramentas de internet, discutiram questões políticas de forma descontraída e respeitaram todas as opiniões convergentes e divergentes em todos os aspectos (SOUSA; SILVA; MALDONADO, 2017).

Em estudo que versou sobre o Círculo de Cultura e a tematização do funk na escola, especialmente em uma instituição pública da rede municipal de Santo André que atende crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, Sousa, Maldonado e Neira (2018) relatam que essa prática corporal contou com a escolha dos estudantes que afirmaram durante o momento de diálogo realizado na quadra em círculo que gostariam de vivenciar, estudar e aprender mais sobre esse ritmo musical e foram atendidos na solicitação pelo docente.

Dessa forma, os autores solicitaram aos estudantes para realizarem uma pesquisa conceitual, com vistas a desmistificar alguns estigmas existentes na sociedade. Assim, por meio de pesquisas na internet, os alunos tiveram como tarefa encontrar respostas a partir de algumas perguntas, a saber: 1. Em qual país surgiu o *funk*?; 2. Por que existe preconceito com esse ritmo musical?; 3. Quem pode participar de coreografias e dançar *funk*, meninos ou meninas? Os alunos responderam as perguntas no momento de Círculo de Cultura e tiveram a oportunidade de explicitar seus conhecimentos acerca do *funk* e o que gostariam de praticar na dança, utilizando tipos variados de coreografias, podendo criar a própria deles:

É interessante ressaltar a nossa motivação em desenvolver o Círculo de Cultura como uma possível proposta de problematização e reflexão crítica das práticas corporais, pois, em um cenário em que se observa a presença de ideologias conservadoras e positivistas que cercam a sociedade do conhecimento, nos deparamos com o retrocesso que aflige a educação brasileira e mais ainda os alunos. Nesse contexto, os opressores desconsideram o aprendizado popular e a cultura dos menos favorecidos. Portanto, pretendemos situar os educandos em posição de terem condições de efetivar a transformação da realidade social compreendendo desta maneira a leitura de mundo. (SOUSA; MALDONADO; NEIRA, 2018, p. 122).

Diante da ousadia em ministrar um projeto que tematizou o *funk* na escola amparado pelo Círculo de Cultura nas aulas de Educação Física, os autores Sousa, Maldonado e Neira (2018) destacaram que foi possível vivenciar momentos de inédito viável, como diria Freire (2003) se referindo aos diferentes tipos de práticas que podem favorecer a leitura de mundo das pessoas. Especialmente nessa pesquisa, os autores consideraram a opinião dos estudantes e permitiram que eles fossem os protagonistas no processo de ensinar e aprender. Sobre os resultados alcançados, os pesquisadores registraram a visão dos alunos no projeto: “‘Samara: Eu pensava que *funk* não se estudava e nem pesquisava’. Vinicius: ‘Sou da igreja e nunca imaginei que o *funk* surgiu nela’. Natasha: ‘Achei boa a participação de meninos e meninas no *funk*’. Vitor: ‘Gostei de estudar o *funk*’” (SOUSA; MALDONADO; NEIRA, 2018, p. 128).

Reflexões sobre as contribuições do Círculo de Cultura para a Educação Física escolar

A partir da realização dessa pesquisa, que teve inspiração na visão decolonial de Paulo Freire, podemos considerar que os autores que escreveram os cinco artigos que compuseram a reflexão deste ensaio teórico demonstraram utilizar o Círculo de Cultura nas aulas de Educação Física como proposta contra hegemônica diante de teorias tradicionais e

reprodutivistas, respeitando o diálogo com os estudantes e abordando diferentes temáticas nas aulas. Esse fato possibilita aproximar o Círculo de Cultura da pedagogia decolonial quando indica transgredir e insurgir. Assim, entendemos que utilizar os círculos no cotidiano escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, significa estar em luta constante, assim como propõe o decolonialismo e a libertação dos oprimidos (MIGNOLO, 2017; FREIRE, 2003).

Para Mota Neto e Streck (2019, p. 214), Paulo Freire denunciou diferentes esferas “do colonialismo e da colonialidade: a educação bancária, a cultura do silêncio, a invasão cultural, a violência, a desumanização, o patriarcado, o racismo, o latifúndio, o autoritarismo político, o assistencialismo”. De acordo com esse entendimento, é por meio do Círculo de Cultura que nos aproximaremos de uma prática que queira ser revolucionária e decolonial, permitindo que professoras e professores de Educação Física sejam os protagonistas da construção da prática pedagógica, em conjunto com os estudantes, se afastando de práticas excludentes e se aproximando de propostas inclusivas, visando a mudança na formação que almeja a libertação e a transformação social dos estudantes.

Os Círculos de Cultura contribuem para a construção da organização didático-pedagógica das aulas de Educação Física e possibilitam aos docentes identificarem os temas de interesse da cultura popular, podendo assim decidir quais os melhores meios para organizar o novo conhecimento, seja nas aulas de Educação Física ou em qualquer outro componente curricular, produzindo leituras próprias dos educandos para vivenciar diferentes práticas e refletir sobre a cultura e a sociedade de maneira ampliada (COSTA, 2016).

Para Freire (2006, p. 106), “Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra”. Para tanto, percebemos neste estudo de ensaio teórico que o Círculo de Cultura pode ser utilizado na prática pedagógica em Educação Física de diferentes maneiras, ou seja, como aspecto de intervenção diante de práticas pedagógicas consideradas monoculturais e tradicionais, que fatalmente desconsideram o saber dos educandos. Esse fato se refere possivelmente ao modelo de formação inicial e continuada de professoras e professores de Educação Física que tratam as perspectivas pedagógicas com um aspecto mais procedimental, assim como demonstrado por Aguiar (2014), possibilitando que o Círculo de Cultura fosse desenvolvido visando demonstrar que a conscientização, o diálogo, a reflexão sobre a prática e a emancipação são inéditos viáveis possíveis de serem alcançados na formação dos estudantes.

Considerações circulares

Os autores do campo da Educação Física que utilizaram o Círculo de Cultura nas aulas se preocuparam em tratar dessa estratégia didática, utilizando os círculos para organização da prática pedagógica, diante da escolha de temas da Educação Física que os estudantes tinham interesse em aprender, assim como organizar didaticamente cada momento de aula. Nesse exemplo é possível perceber que a diversidade cultural, a didática, a organização didático-pedagógica e a EP se entrelaçam no ensino de Educação Física. A partir da dinâmica do Círculo de Cultura, é possível permitir que educadores e educandos fiquem juntos, olhando nos olhos uns dos outros, sentados um ao lado do outro, praticando e vivendo momentos de escuta ativa e reflexão sobre a vida, com a esperança de conviver e ser feliz em uma sociedade mais solidária e fraterna.

Concluimos que a inspiração na visão decolonial de Paulo Freire permitiu identificar que o componente curricular Educação Física utiliza pouco a proposta do Círculo de Cultura na prática pedagógica, seja como tratativa de intervenção ou de organização prática. Para tanto, são necessários mais estudos que consideram essa prática do Círculo de Cultura como proposta possível. De todo modo, os artigos que trataram sobre Círculo de Cultura não utilizaram o conceito decolonial de Freire explicitamente nos textos, no entanto, verificamos que a utilização do Círculo de Cultura no cotidiano escolar permitiu considerar que o referencial teórico de Paulo Freire foi utilizado com prioridade. Houve explanação nos trabalhos sobre os conceitos freireanos de diálogo, conscientização e efetiva participação dos estudantes na reinvenção de novas práticas corporais, vivenciada em um contexto de Educação Popular, demonstrando que o legado de Freire contribui para a organização didática das aulas de Educação Física escolar.

Referências

AGUIAR, A. D. Círculo de Cultura: intervenção pedagógica na Educação Física. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE ENSINO – ENDIPE, 22., 2014, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: UECE, 2014.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, ago., 1999. Doi: 10.1590/S0101-32621999000100005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2021.

BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan., 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/53>. Acesso em: 15 maio 2021.

BRANDÃO, C. R. Em volta do fogo aceso, em volta de um círculo. *In*: SPIGOLON, N. I.; CAMPOS, C. B. G. (org.). **Círculos de cultura**: teorias, práticas e práxis. Curitiba: CRV, 2016. p. 13-18.

COLAÇO, T. L.; DAMÁZIO, E. S. P. (org.). **Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina**: o direito e o pensamento decolonial. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

COSTA, B. B. Paulo Freire e os círculos de cultura: uma pedagogia da humanização. *In*: SPIGOLON, N. I.; CAMPOS, C. B. G. (org.). **Círculos de cultura**: teorias, práticas e práxis. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 45-46.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. S. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. Petrópolis: Vozes, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, 2000. Doi: 10.1590/S0102-88392000000200002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/hbD5jkw8vp7MxKvfvLHsW9D/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2021.

GROSFUGUEL, R. Decolonizing Western Uni-versalisms: Decolonial Pluri-versalism from Aimé Césaire to the Zapatistas. **Transmodernity**, Merced-CA, v. 1, n. 3, p. 88-104, sep.-dec., 2012. Doi: 10.5070/T413012884. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/01w7163v>. Acesso em: 18 maio 2021.

KUNZ, E. (org.). **Didática da educação física**. 5. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Doi: 10.17666/329402/2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt#>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MOTA NETO, J. C. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

MOTA NETO, J. C.; STRECK, D. R. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 78, p. 207-223, nov./dez., 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/65353>. Acesso em: 12 jun. 2021.

NEIRA, M. G. **Educação física**. São Paulo: Blucher, 2011.

RODRIGUES, L. L.; BRACHT, V. As culturas da Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 93-107, set., 2010. Doi: 10.1590/S0101-32892010000400007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/PLzKjYqWzGq4qjGqHp35WPw/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2021.

ROMÃO, J. E. *et al.* Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Revista Educação e Linguagem**, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 13, p. 137- 195, jan./jun., 2006.

SAUL, A. M. Paulo Freire na atualidade: legado e reinvenção. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 9-34, jan./mar., 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/27365>. Acesso em: 15 maio 2021.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOUSA, C. A.; SILVA, P. A.; MALDONADO, D. T. Muito além da prática pela prática: Educação Física como componente curricular da educação básica. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 8, n. 1, p. 55-66, mar., 2017. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2256>. Acesso em: 15 maio 2021.

SOUSA, C. A.; MAFRA, J. F. Formação de professores e o currículo cultural da educação física: uma etnografia sobre a prática pedagógica. **Dialogia**, São Paulo, n. 24, p. 179-192, jul./dez., 2016. Doi: 10.5585/dialogia.N24.6861. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/6861>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SOUSA, C. A.; MALDONADO, D. T.; NEIRA, M. G. Círculo de cultura e educação física: a tematização do funk na escola. **Kinesis**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 116- 129, 2018. Doi: 10.5902/2316546427299. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/27299>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SOUSA, C. A.; SILVA, P. A.; MALDONADO, D. T. Círculo de cultura e educação física escolar: reflexões de um docente sobre a sua prática pedagógica. **Cadernos de Formação RBCE**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 9-19, set., 2017. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2257>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SOUSA, C. A. **O currículo de educação física da rede pública municipal de Santo André (SP): concepções e práticas pedagógicas**. 2017. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/1734>. Acesso em: 20 ago. 2021.

VALE, A. M. **Educação popular na escola pública**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Submetido em 24 de julho de 2021.

Aprovado em 14 de agosto de 2021.